



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## MOVIMENTO DE MULHERES NO ASSENTAMENTO ELDORADO II A PARTICIPAÇÃO NO MST E A INFLUÊNCIA DO FEMINISMO

**Daniele Loreço Gonçalves<sup>1</sup>; Marisa de Fátima Lomba de Farias<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>UFGD/FCH - Pedro Celestino 1333, 79.803-970 - Dourados - MS, E-mail: daniloreco@hotmail.com  
Voluntária de Iniciação Científica, PIVIC da UFGD. <sup>2</sup>Rodovia Dourados - Itahum, KM 12. Caixa Postal  
533, 79.804-970, E-mail: marisa.lomba@ufgd.edu.br. Orientadora, Professora da FCH.

### RESUMO

Esta proposta de pesquisa tem como objetivo, compreender a trajetória de “luta” de mulheres moradoras do assentamento Eldorado II, localizado no município de Sidrolândia e a influência do MST e do feminismo em suas formas de resistência cotidiana. Para tanto, serão registradas as formas de participação dessas mulheres no processo produtivo e na organização política do assentamento. Procurar-se-á descrever aspectos da vida e a situação em que vivem as famílias, com especial atenção para as mulheres, partindo da compreensão da forte ligação das pessoas com a terra, buscando salientar as conquistas e as dificuldades enfrentadas na perspectiva de gênero e feminista. Para o desenvolvimento da pesquisa, a entrevista, a observação e a participação em atividades grupais envolvendo as mulheres, serão as principais técnicas de pesquisa e espera-se apresentar os resultados para os grupos envolvidos, tanto assentados/as quanto o MST.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; feminismo; memória;

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a exploração da mão de obra camponesa para formação de fazendas e pastagem no Mato Grosso do Sul era comum. Depois que as fazendas eram formadas, as terras arrendadas aos trabalhadores eram retiradas, e estes obrigados a buscar outras terras, outros lugares, novas formas de sobrevivência. Dessa maneira muitos conflitos se criaram, muitos trabalhadores foram assassinados, todos na luta constante pela conquista da terra. No Mato Grosso do Sul, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), teve início no ano de 1984, com a ocupação da fazenda Santa Idalina, em Ivinhema, quando nasceu o Movimento, com a conquista do Assentamento Padroeira do Brasil, em Nioaque. A partir daí o Movimento passa a reivindicar assentamentos para as famílias e o latifúndio passa a ser de interesse social para fins de reforma agrária (FERNANDES, 2000).

Frente ao quadro das adversidades, problemas decorrentes do modelo econômico que sempre excluiu, mulheres e homens tem buscado enfrentar as consequências das políticas neoliberais, eles regem a essa situação humilhante do mundo do trabalho seja no campo, seja nas cidades e buscam oferecer uma alternativa de reorganizar a sociedade.

Dessa forma o presente trabalho, resultado de um plano de pesquisa de iniciação científica que equivale a um dos objetivos do projeto maior que o orienta<sup>3</sup>, o qual discorre *sobre as mulheres e o feminismo dentro do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no estado do Mato Grosso do Sul*, visa discorrer sobre trajetórias de luta de mulheres do Movimento de Trabalhadores Sem Terra do Assentamento Eldorado II.

Nesse plano, realizado em um ano, além da revisão bibliográfica sobre o tema, foram realizadas participações no grupo de estudo de Gênero, eventos sediados no Assentamento Eldorados II, entrevistas com mulheres assentadas e visitas na comunidade que permitiram compreender, através de seus depoimentos, quais são as representações acerca do feminismo, a importância das mulheres no processo de luta pela terra, os mecanismos diários de resistência diante das mazelas vivenciadas no

---

<sup>3</sup> O projeto de pesquisa intitulado “Mulheres e Feminismo no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Estado de Mato Grosso do Sul (1990-2010)”, coordenado pela Prof.Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias, tem como principal objetivo justamente levantar e analisar as histórias, trajetórias de vida de mulheres do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no estado de Mato Grosso do Sul.

campo, bem como fazer um mapeamento das moradoras que fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

## **1. O Assentamento Eldorado**

Como o presente trabalho tem como objetivo compreender a trajetória de luta de mulheres moradoras do Assentamento Eldorado II, é importante descrever, ainda que resumidamente, um pouco das características e história do município de Sidrolândia, bem como a do assentamento.

O município de Sidrolândia, localizado a leste de Mato Grosso do Sul, a 70 km da capital do estado, Campo Grande, é a cidade com maior número de assentamentos rurais do estado. Devido à instalação de várias indústrias (têxtil e alimentícia) e o grande número de assentamentos rurais, a cidade passou por um grande crescimento, tanto populacional como em melhorias nas condições de vida dos munícipes, além de oferecer novas oportunidades de trabalho para migrantes. Possui uma terra fértil, é um dos municípios que mais crescem no estado devido ao seu potencial agropastoril, que em conjunto com o uso de novas tecnologias de ponta em pesquisa, plantio e colheita de grãos e incentivos que geram um melhor bem viver. O Assentamento Eldorado faz então, parte dessa localização, e possui cerca de 30 mil Hectares de terra.

O acampamento que abrigava grande parte dos moradores do Assentamento Eldorado, teve início no ano de 2002, numa faixa que ligava Sidrolândia, Anhanduí e Rio Brilhante. Compunha o acampamento cerca de quatro mil famílias, que correspondiam a uma grande diversidade cultural e ideológica.

Em 2006, os acampados entraram na fazenda para o processo seletivo do INCRA, sendo que apenas no final daquele ano, que os lotes foram divididos, então duas mil e duzentas famílias foram contempladas com a terra, com nove hectares cada lote. O assentamento passou por uma subdivisão devido ao seu tamanho e ao grande número de famílias, sendo que se formaram três grandes grupos: Eldorado I (João Batista e MST), com 203 famílias, Eldorado II (FETAGRI), com 777 famílias e Alambari (CUT), com 230 famílias, Alambari (FAF), com 204 famílias e Alambari (FETAGRI), com 155 famílias.

Mesmo com a entrada nos lotes, as famílias enfrentaram uma série de dificuldades como falta de escola para as crianças, falta de transporte, postos médicos, infraestrutura básica para a sobrevivência da população agora assentada. É recorrente

em assentamentos a demora em atendimentos que visam o desenvolvimento autônomo dos assentados. Após um ano, o poder público iniciou os trabalhos no assentamento, como a construção dos travessões, auxílio no transporte das crianças para as escolas dentro do município, a construção de escolas rurais, o que facilitou na resolução de problemas locais e maior participação da população na vida escolar. Atualmente a escola tem cerca de 900 alunos, atende em dois turnos e possui nove ônibus para o transporte dos estudantes. Para dar oportunidade de inserção no ensino superior aos alunos que já terminaram o ensino médio, foi instalada uma Universidade Interativa na sede. Em 2008, foi instalado um posto de saúde, de forma que médicos, enfermeiros e agentes de saúde passaram a atender a comunidade.

Muitas famílias, devido às inúmeras dificuldades desistiram dos lotes, pois a permanência nos mesmos é obrigatória, e por causa das denúncias, impediam que as pessoas trabalhassem fora para o sustento das famílias. E os fomentos demoraram a ser entregues, e em grande parte quando recebidos, foram investidos na implantação da rede de água. Em 2009 iniciaram a implantação da rede de energia, sendo que a maioria dos lotes são abastecidos com energia elétrica e água, com relação a construção casas de alvenaria, da mesma maneira que acontece com a energia e a água, ocorre com as casas algumas famílias tem outras não receberam o benefício ainda.

## **2. Procedimentos Metodológicos da Investigação**

Procedemos com a utilização de entrevistas em profundidade com assentadas dos assentamentos Eldorado I (João Batista/MST), Alambari (CUT, FAF). As entrevistas foram realizadas em uma ida aos assentamentos Eldorado I e II, no período de 17 a 24 de janeiro de 2014, no município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul. Complementarmente às entrevistas, realizamos observação participante nos contextos dos eventos “I Seminário de Residência Agrária”, organizado pela UFGD e ocorrido na sede do assentamento Eldorado II em 5 de outubro de 2013 e na Reunião para Mulheres organizada pela associação crescer, realizada no dia 21 de janeiro de 2014, no barracão da igreja do conjunto Alambari/FAF do assentamento Eldorado I.

Todas as participantes da pesquisa possuem ensino básico completo, e durante a etapa de campo da pesquisa, parte delas estava cursando o ensino fundamental ou médio e ocupavam posições estratégicas dentro das associações e famílias das quais fazem

parte, seja como contadora administrativa da associação, seja como provedora do sustento da casa. Os dados foram analisados à luz do referencial teórico adotado no presente estudo, que incide especialmente sobre os processos de tomada de poder pela mulher, relação de gênero, MST e feminismo, tal como entendem Auad (2000), Fernandes (1986) e Meihy (2006, 1997).

O contato com a comunidade dos assentamentos possibilitou o estreitamento de vínculos com as irmãs, freiras católicas, que moram no assentamento Eldorado II, as quais nos apresentaram para as famílias, bem como com as famílias visitadas. Isso nos forneceu um vasto material fotográfico e oral.

Após conversa sobre a pesquisa com as irmãs, foi-nos esclarecido que no Assentamento Eldorado II não há mulheres do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), pois nessa área estão assentados somente membros da FETAGRI, em contrapartida encontraríamos as mulheres que se encaixariam no perfil da pesquisa apenas no Assentamento Eldorado I. Dessa forma, fizemos um levantamento e mapeamento das possíveis mulheres assentadas que poderiam atender ao perfil da pesquisa, e em seguida fomos até suas casas para fazermos a apresentação do trabalho e conhecê-las pessoalmente. A maioria das mulheres do MST do Eldorado I, não conseguimos encontrar, com exceção de uma, cuja foi feita a entrevista. Fomos informadas que essas mulheres estavam trabalhando fora, na colheita de sementes que fazem parte do processo de produção da cerveja, e que ficariam fora por vinte dias.

Conseguimos entrevistar apenas uma mulher do MST, a qual reside no Assentamento Eldorado I – conjunto João Batista. No diálogo, ficou claro a formação política recebida em período de acampamento, esta oferecida pelo MST. Quando questionada sobre “feminismo”, ela nos relatou ter participado de formações sobre “Relações de Gênero”, “Feminismo” e “saúde da mulher”. A partir desta entrevista a participante elucidou que somente com a entrada em associações mistas, cursos de formação, trabalho coletivo e organizado que se poderia romper com a situação de invisibilidade da participação política e no trabalho das mulheres. A participação nos cursos de formação em períodos de acampamento e depois em épocas de assentamento foram fundamentais para que ela colocasse força na construção de sua autonomia e de compreensão que, de fato, só dependia mesmo da própria ação.

*“Na época de acampamento a gente vivia bem a relação de gênero, todo mundo era igual. Depois que recebemos o lote, tivemos que voltar pro fogão. É isso? Não! Queremos mais, por mais que*

*ainda não temos nossa própria associação, e não somos bem ouvidas nas reuniões, temos adquirindo conhecimento dentro das associações. É bom o trabalho, trabalhamos bem em coletividade com homens e mulheres. Mas nos vamos ter nosso espaço de mulheres, só de mulheres. ”*

Ainda com as idas a campo, foram feitos registros gravados de falas das mulheres de outras organizações, como a FAF e CUT. Quanto ao processo de organização das mulheres assentadas, optamos, no primeiro momento, pela identificação e descrição das organizações femininas nos assentamentos informais ou institucionalizados. Os dados revelaram que na ocasião da pesquisa, não existiam associações ou grupos constituídos apenas por mulheres. Foi-nos relatado que desde o recebimento dos lotes, há sete anos, existe a tentativa de organização de uma associação cooperativa composta apenas por elas, mas que, por motivos variados, sendo o mais citado a participação dos maridos nas reuniões, isso ainda não foi possibilitado. Destas reuniões, as mulheres do assentamento Eldorado I, conseguiram chegar a um denominador comum: que se fazia necessária à construção de uma cozinha comunitária. Este projeto está em andamento, à cozinha está sendo construída no espaço destinado ao centro de convivência da comunidade local. As mulheres recebem cursos de formação oferecidos pela Associação Crescer, que está localizado no Assentamento Eldorado II, conjunto FETAGRI. Mesmo assim, não ficou definido como será feito, futuramente, o uso deste espaço, que é uma conquista das mulheres.

Foi notificada a existência de pelo menos três associações, todas compostas por homens e mulheres. São elas: Associação Crescer, localizada no Eldorado II, organizada pelo INCRA, com representantes de todos os conjuntos habitacionais dos assentamentos; Associação de Produtores Alambari-FAF, composta por homens e mulheres de todos os conjuntos do Eldorado I; e Associação dos Moradores do Conjunto Ernesto Che Guevara/MST, Eldorado I.

Em todas as conversas e entrevistas, com as mulheres de diferentes conjuntos e Movimentos, sendo do MST, FAF ou CUT, é consensual que suas participações nestes espaços são influenciadas por suas angústias pessoais, que se traduzem basicamente pela falta de perspectiva em relação a seu próprio trabalho e também pelo baixo poder de participação nas decisões que envolvem o coletivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de enfatizar que, embora tenha possibilitado encontrar apenas um número pequeno de mulheres do MST, não se pode dizer que esta pesquisa não tenha obtido êxito. Isto por que dentro das conversas, visitas e atividades desenvolvidas com as mulheres dentro dos vários conjuntos do assentamento Eldorado, foi apresentado saberes que elas carregam consigo e uma história de vida de cada moradora. A mulher que luta pela terra, luta também por sua dignidade, além de refletir e apresentar um novo modelo de participação e novo papel das mulheres e homens na sociedade. Numa perspectiva social, política e humana, valorizando os saberes e trabalho das mulheres do assentamento é que elas passam a ser compreendidas como sujeitos imprescindíveis no processo de desenvolvimento de cada conjunto.

Outro ponto é que a participação das mulheres nas associações é um fator determinante para a realização de novas experiências, projetos e desejos, que perpassam por sonhos individuais, até os projetos coletivos pensados a partir do conhecimento técnico de cada trabalhadora que faz parte de associação destes assentamentos.

O que praticamente conseguimos descobrir dos objetivos específicos da pesquisa foram informações referentes à localização das mulheres do MST e relatos de experiências de mulheres de outros Movimentos. Mas, esta pesquisa não se encerra aqui, muitos dados ainda precisam ser levantados e mais visitas a campo precisam ser feitas. Tivemos bastante dificuldade de nos deslocarmos pelo Assentamento Eldorado, pois além dos conjuntos serem muito distantes uns dos outros, as estradas não são boas, vale ressaltar que no período em que fomos para campo choveu praticamente todas as tarde, e isso impossibilitava nosso trânsito pelo assentamento.

## BIBLIOGRAFIA

**ROCHA** Coutinho, Maria Lúcia. Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 249.

**FERNANDES**, Bernado Mançano. A formação do MST no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 319.

**SILVA**, Maria Aparecida de Moraes. A luta pela terra: experiências e memória. São Paulo: UNESP, 2004. P. 135.

**BORGES**, Maria Stela Lemos. Terra: ponto de partida, ponto de chegada: identidade e luta pela terra: reforma agrária. São Paulo: Ed. Anita, 1997. P. 213.